



A prática missionária jesuítica no estado do Maranhão e Grão-Pará (século XVII)

BENEDITA DO SOCORRO MATOS SANTOS*

ANTÔNIO NOGUEIRA DE SOUSA**

RESUMO: A Companhia de Jesus, com a oportunidade de expandir os seus ensinamentos e de difundir as suas práticas missionárias religiosas na sociedade Ocidental via-se na necessidade de expandir os seus negócios com os novos descobrimentos em que as populações menos favorecidas teriam uma possibilidade de instrução. A reforma protestante, a Companhia de Jesus lançou-se, por opção, na educação, na promoção de colégios, aldeias, residências e com a criação de seus ministérios como forma privilegiada de corresponder à sua missão (BETTENDORFF, 1910 RESENDE, 1962; CARVALHO, 2001; O'MALLEY, 2008). Este estudo tem como objetivo caracterizar a importância dos Jesuítas as práticas missionárias no estado do Maranhão e Grão-Pará. A metodologia consta de método hermenêutico a partir da análise de livros descritos de experiência vivida pelos missionários jesuítas no Maranhão e Grão-Pará. Abordagem da pesquisa obteve por base a estratégia biográfica que permite aos investigadores a predileção por materiais secundários (mais objetivos) (MANEN, 2002; FERRAROTTI, 2013). Concluímos que a prática missionária dos jesuítas principalmente a catequese ao ensinar meninos e meninas constituiu o ensino doutrinário nas aldeias, os quais possibilitou o aprimoramento da língua Tupi Guarani no estado do Maranhão e Grão-Pará.

Palavra chaves: Missão, Jesuíta, estado do Maranhão, Grão-Pará

Introdução

Com o declínio de Roma, urgiu uma nova forma de educação voltada para os princípios do pensamento lógico e cristão do ensino greco-romano que se apoiava nos seguintes ensinamentos: gramática (língua e literatura), dialética (lógica) e retórica. Todavia, com o florescimento científico despertado com o início das Universidades, a teologia, a jurisprudência e a medicina passaram a ser mais requisitadas.

Para Miranda (2009), os autores da primeira forma de educação Ocidental que conhecemos foram os gregos e romanos verificados em Atenas no século VI. A. C. Que aos atenienses não bastava somente o ensino militar, havia a necessidade de pessoas com formação específica para exercer cargos políticos.

* Doutora em Ciências da Educação – Universidade de Évora. Portugal

** Doutorando em Gestão de Empresas – Universidade de Coimbra. Portugal

Deste modo, o homem passou a ser o promotor de seu destino ao designar as descobertas de novos continentes, a necessidade de novas técnicas de construção, novas cartas marítimas, mapas, conceitos matemáticos, astronomia, geografia, medições do tempo, comércio transatlântico, expansão das cidades Piero (2008). Através da expansão de seus domínios, geraram-se oportunidades no homem a partir de uma formação específica, abrindo a novos cargos profissionais e a vida pública.

Neste cenário, o ensino e a sociedade se unem para que o ensino decorra da Companhia de Jesus que nasceu enraizada no processo de Reforma católica Santos (2014), funcionando neste meio como uma autêntica milícia, um laborioso exército de homens de religião Carvalho, (2001). No entanto, com a oportunidade de expandir os seus ensinamentos e de difundir as suas práticas religiosas, a sociedade Ocidental via-se na necessidade de expandir os seus negócios com os novos descobrimentos em que as populações menos favorecidas teriam uma possibilidade de instrução.

Neste contexto, entendemos que o ensino, no campo da pedagogia jesuítica, apresentou-se como possuidor de uma consciência que nunca se impusera com tanta convicção: a da importância social da educação e do ensino Carvalho (2001). Desta forma, a importância do ensino jesuítico para o desenvolvimento da sociedade Ocidental ultrapassou as fronteiras, facilitou a constituição de programas curriculares e a construção de escolas.

A prática missionária levou os jesuítas à tentativa de criarem uma mundivivência capaz de se adaptar a qualquer realidade, no sentido de compreender o ambiente ao qual poderia ser destinado. Um ideal que lhes permitiu morrer, como muitos foram mortos, entre outros, para cumprir o que foi estabelecido pelo Geral da Sociedade de Jesus, Inácio de Loyola: ajuda das almas, e o maior serviço divino Kolvenbach (1998). No entanto, podemos considerar neste processo, de forma abrangente, no breve relance missionário, este, donde emerge a chegada de Xavier ao Japão e de Nóbrega ao Brasil. Sendo que o Japão era país de alta cultura, e o Brasil se achava ainda na idade da pedra Leite (1965). Tal leva a crer que os métodos utilizados em ambos os casos foram bastante diversos e com resultados múltiplos advindos de suas ações.

Neste contexto há necessidade de caracterizar a importância dos Jesuítas nas práticas missionárias no estado do Maranhão e Grão-Pará (BETTENDORFF, 1910; CHARMOT, 1951; LEITE, 1943, 1945; FRANZEN, 2002; LOWNEY, 2004).



Fundamentação teórica

Ensino e Prática da Missão Jesuítica

Nos estudos dos clássicos gregos e latinos, a educação escolar possibilitou uma nova redescoberta: a eloquência com *studia humanitatis*. Desta forma, os estudos humanísticos representam a terceira revolução pedagógica: fenômeno maior mais profundo, que foi o início da alfabetização crescente e da escolarização da sociedade, o interesse cada vez maior pela educação dos filhos e o desenvolvimento de uma cultura pedagógica, com a fisionomia de um saber próprio (MIRANDA, 2009).

Segundo Kolvenbach (1998), a atividade religiosa e educativa sempre esteve presente na Companhia de Jesus, mesmo em situações difíceis o terreno educativo foi predominantemente o apostolado desde os séculos XVI a XVIII dado que

o objetivo da Companhia ao aventurar-se no campo educativo foi eminentemente apostólico. Mas seria errado acreditar que os Colégios da Companhia foram um mero pretexto para manter e propagar a fé católica. A educação tem seus próprios fins e objetivos, que não podem instrumentalizar-se ao serviço de qualquer outra causa (KOLVENBACH, 1998, p. 3).

Neste contexto, acreditamos que o ensino e a prática da missão jesuítica estiveram sempre presentes no desenvolvimento de povoamento e colonização que encontrou na Igreja Católica um instrumento de expansão e adaptações, fossem para o Oriente ou Ocidente. Foram privilegiados os métodos clássicos adaptados às novas realidades encontradas, juntamente com meios alternativos mas também amplamente pedagógicos, sobretudo para a catequese, como a música e o teatro (MONTEIRO, 2009). Deste modo, os objetivos da Igreja e os da Coroa Portuguesa foram cumpridos.

Arenz (2010) descreve, desta forma, a relação da Sociedade de Jesus em sua missão entre Oriente e Ocidente como bastante diferente no seu trabalho apostólico do Oriente - isto é China, Japão e Índia – foram as mais preferidas pelos jovens jesuítas, sobretudo, em razão do suposto nível cultural elevado dos povos Asiáticos Arenz (2010). Contudo, nestes países, vigoravam as religiões solidamente organizadas e dotadas de livros sacros, edifícios arquitetônicos grandiosos, sacerdotes instruídos (LEITE, 1965).

Mas, para o Ocidente, acreditando no pensamento de Leite (1965), as práticas missionárias no Brasil eram:

o papel branco» primitivo de quem não sabia ler nem escrever, gentio imerso ainda nos lindes da magia e do animismo, no estágio da religião do mito, não já a do livro. A obra de conversão iria estabelecer-se mais num plano prático do que doutrinário, mais de mudança de costumes que de fé. Não era possível instituírem-se disputas teológicas onde não havia dogmas preestabelecidos pelos quais se deixassem matar, como sucede com os fiéis autênticos das religiões positivas. Não possuíam teologia nem textos escritos para base de discussão. O que tinham, de facto, eram costumes, uns compatíveis com o cristianismo, outros incompatíveis. Os compatíveis não havia que bulir muito neles – e foi esse o caminho inicial de Nóbrega – mas os incompatíveis, como a antropofagia e a poligamia, tinham de ceder o passo ao Evangelho, sob pena de se frustrar a sua implantação na selva americana (LEITE, 1965, p. 68).

Desta forma, o Brasil fez-se pela Companhia de Jesus, desenhado e contornado através do ensino e de suas práticas missionárias em conexão direta com a obra de conversão e evangelização dos Índios em que,

apresentavam os instrumentos de comunicação e catequese- gramáticas, vocabulários e catecismos – em várias línguas, sobretudo na que se dizia «brasílica» e depois se chamou «geral» (tupi). As Gramáticas de José de Anchieta e Luís Figueira, o Vocabulário de Leonardo do Vale, o Catecismo de António de Araújo, o primeiro que imprimiu e outros depois resumiram, são monumentos hoje da linguística americana e valiosos expoentes da herança cultural dos Jesuítas do Brasil (LEITE, 1965, p. 68).

Então, percebemos também que a catequese estava ligada diretamente às práticas missionárias nas aldeias nos séculos XVI a XVIII. Os jesuítas, ao princípio, situavam-se na costa, à beira-mar ou a poucas léguas do litoral, não nos sertões distantes, onde a segurança dos padres ainda apresentava precária e onde as subsistências, incluindo o trigo e vinho das missas, dificilmente chegavam longe dos portos marítimos (LEITE, 1965). Depois, já nos séculos XVII e XVIII, principalmente a norte, devido ao fluxo do rio Amazonas, o conjunto de aldeias de catequese prolongava a costa até ao coração do continente sul-americano ..., com repartições de diversos institutos missionários ao longo dos grandes afluentes do Amazonas Leite (1965), com destaque aos principais rios Xingu, Tocantins, Tapajós e Madeira.

Nos Colégios da Companhia de Jesus, a predominância da eficácia da educação e ensino firmaram-se nos elementos de ordem moral (persuasão, emulação, repreensão). O termo “emulação,” neste sentido, evidenciou-se com o texto de Lopes (2014) em sua obra intitulada *A emulação e a pedagogia da Companhia de Jesus*, tendo sido considerada um instrumento pedagógico que a Companhia de Jesus adotou para atingir o seu objetivo de conseguir educar os seus alunos com uma maior eficiência, a nível científico, espiritual e humano.



Segundo Charmot (1951) a emulação é importante para os educadores jesuítas como parte relevante no processo de formação inicial pelo que,

fundamental não é estar à frente do émulo, mas a motivação deve ser feita mostrando ao educando os progressos já conseguidos e incentivando-o a lutar por progredir ainda mais no caminho do sucesso. Por isso, a emulação é não somente entusiasmo, ardor pelo trabalho, mas esperança de cada um se superar, ao conseguir vencer os mais fortes que ele próprio (CHARMOT, 1951, pp. 361-366).

No entanto, o ensino científico da Corporação Jesuíta adentrou na Província portuguesa através da Aula da Esfera, a qual certificou o ensino e prática no século XVI e até na primeira metade do século XVIII deixou o impacto na história da Ciência.

Contudo, a Aula da Esfera possibilitou aos Colégios Jesuítas o estabelecimento de um melhor acesso a comunidades científicas nacionais e internacionais, que trouxeram qualidade ao ensino no qual trasladou o fluxo de pessoas, pensamentos, instrumentos e livros que circundavam as missões jesuítas.

Desta forma, o conhecimento científico estabeleceu no ensino e educação o processo de ciências que foram importantes a nível nacional e internacional neste período. A Companhia de Jesus estava empenhada e inseriu a Aula da Esfera em seus Colégios Jesuítas, tendo beneficiado a Província portuguesa e também constituído procedimento relevante para a história da Ciência e agregado mais de três dezenas de docentes, cerca de um terço eram de outras nações, oriundos de alguns Colégios da Europa do Norte (ALBUQUERQUE, 1972; RODRIGUES, 1938, 1944; LEITÃO, 2008, 2008; OSÓRIO, 1986).

Neste sentido, Albuquerque (1972) afirma que,

mas a respeito de todas as limitações ou erros que lhe possam ser apontados, a “aula de esfera” do Colégio de Santo Antão foi uma atividade escolar de importância e significado na cultura portuguesa do século XVII; efetivamente, era este o único curso onde se professavam as ciências tão intimamente ligadas à Matemática – numa época em que a cadeira universitária sobre esta ciência não tinha professores e a “Aula de Fortificação” ainda não aparecera; e lá estudaram os preparatórios muitos dos homens que, como Manuel Pimentel e Francisco Pimentel, se distinguiram em atividades e cargos que dependiam dessas ciências (ALBUQUERQUE, 1972, p. 21).

Todavia, depois da expulsão dos Jesuítas, proibição do ensino e encerramento do Colégio de Santo Antão, procedeu-se ao fim das lições científicas na Aula da Esfera na Província portuguesa. De fato, os procedimentos do ensino mudaram e estabeleceram outra direção. Desta forma, a qualidade no ensino e educação decaiu, sendo perceptível que o mecanismo não era o



mesmo quando comparado com a estrutura implementada pelos jesuítas aquando da sua administração do ensino.

Assim, os jesuítas detinham o espírito de liderança e valores através de seus conhecimentos conseguiram obter mudanças em qualquer lugar no qual se encontrassem, isto é, com autoconhecimento conseguiram compreender as suas forças, fraquezas, valores e obtiveram uma visão de mundo, com seu engenho inovaram e adquiriram confiança, adaptaram mudanças importantes na educação, com amor trataram o próximo conjugando atitude fraterna e também com heroísmo fortaleceram-se a si próprios e aos demais que os seguiram (LOWNEY, 2004).

Metodologia

O foco desta pesquisa é caracterizar a importância dos Jesuítas as práticas missionárias no estado do Maranhão e Grão-Pará. No sistema educacional relativamente à educação no extremo norte do Brasil Colonial cuja localização atual corresponde hoje à Amazônia legal.

Manen (2003, 2016) considera a descrição (textual) evocativa e estimulante de ações, comportamentos, intenções e experiências humanas, como as conhecem no mundo da vida. E de acordo com Barnacle (2004), o modelo de pesquisa, com base na noção de experiência vivida, forneceu uma base para os investigadores educacionais refletir sobre sua própria experiência pessoal como educadores, teóricos da educação, gestão e política educacional.

Assim, ao evidenciar a abordagem hermenêutica correlacionada com as fontes primárias e as fontes secundárias, não se negligencia a mais corrente e aceita das tendências historiográficas, aquela que classifica as fontes em primárias e secundárias segundo sua aproximação direta ou indireta com os fatos históricos (BERRIO, 1976).

Costa (2010) adverte ainda para a qualificação desses documentos devido a vasta e variada utilização de fontes primárias, neste caso, dos textos jesuíticos, devido ao fato de que os documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para atender a necessidades específicas do momento (BARCELLAR, 2008). No entanto, a validade dos documentos aferidos na investigação ganharam qualidade nestes procedimentos devem ser observadas regras para não se fazer do resgate de fontes um exercício de memória, mais digno



de estarem em um museu da escola do que, propriamente, suscitar um debate acadêmico (COSTA, 2010).

Outro aspecto relevante na abordagem hermenêutica é a identificação dos fatos. Tal leva a crer que, neste estudo, a investigação de aspecto histórico no ponto de vista da educação não se realiza sem o apoio dos fatos, dados e informações contidas nas fontes (PINSKY, *et tal.*, 2008). Segundo Melo (2010), de posse dos dados obtidos com essas ações, é possível buscar uma aproximação com o autor, desvendar suas preocupações, tendências, ideologias, objetivos.

No entanto, a Companhia de Jesus foi uma ordem religiosa eminentemente dedicada ao ensino da juventude quando constituiu esse, efetivamente, um dos seus princípios de campos de atividade até à supressão em 1773 e continua, ainda sendo, uma das suas mais insistentes preocupações, depois da restauração de 1814 (ROCHA, 1936). Por conta desta dedicação, os jesuítas cooperaram no desenvolvimento da colônia portuguesa principalmente no Brasil onde fizeram várias construções arquitetônicas nos séculos XVI, XVII e XVIII, como se pode observar nas Tabelas 1 e 2, mas após as expulsões vários desses Colégios foram destruídos para outros fins e outros estão sendo utilizados como museus.

7

Tabela 1

Relação dos Colégios Jesuíticos no Estado do Brasil no Séculos (XVI – XVIII)

1	Colégio da Bahia – Colégio de Jesus – 1556 (Carta Régia)
2	Colégio de São Paulo – 1554-1631
3	Colégio do Rio de Janeiro – 1568 (Carta Régia)
4	Colégio de Olinda – 1576 (Carta Régia)
5	Colégio de São Tiago no Espírito Santo – 1551 – 1654
6	Colégio de Jesus – Recife – 1619 – 1655
7	Colégio-Seminário de S. Gonçalo – João Pessoa – Paraíba – 1685
8	Casa – colégio de Ilhéus – Bahia – 1605-1720
9	Casa – colégio de Porto Seguro – Bahia – 1611
10	Colégio de São Vicente – 1550
11	Colégio de Santos – 1653
12	Colégio da colônia do Sacramento -1717
13	Colégio de Fortaleza – 1723
14	Colégio-Seminário de Paranaguá -1738
15	Colégio de Nossa Senhora do Desterro – 1750

Fonte: Franzen (2002)

E, ainda no Estado do Maranhão e Grão-Pará (Sécs. XVII – XVIII), como evidenciado nitidamente no quadro abaixo, atente-se em relação aos estabelecimentos educacionais: primeira data corresponde normalmente à instalação de uma escola de ler e escrever, a segunda



data corresponde à elevação a Colégio ou sua separação jurídica (também a terceira data). Quando existe só uma data, é a da fundação do Colégio (FRANZEN, 2002).

Tabela 2

Estabelecimentos Educacionais Jesuíticos do Estado do Maranhão e Grão-Pará

1	Colégio de S. Luiz – Colégio de Nossa Senhora da Luz do Maranhão-1626-1652-1679
2	Colégio de Belém – Colégio de Santo Alexandre – 1652-1670-1681
3	Casa-Colégio de Vigia – separou-se juridicamente em 1740 do Colégio de Santo Alexandre-1731-1740
4	Casa-Colégio de Tapuitapera - não chegou a ser elevada a Colégio

Fonte: Franzen (2002)

Conclusão

A prática missionária desenvolvido no Maranhão e Grão-Pará durante os séculos XVII-XVIII constituiu o ensino doutrinário nas aldeias e a educação dos filhos dos colonos portugueses e de outros religiosos. Nas aldeias, os jesuítas ensinavam os meninos e as meninas indígenas a ler, a escrever, e ainda, a catequese pela pregação do evangelho. Bettendorff (1910) menciona que o ensino da alfabetização irradiava às aldeias, pois, no abc, eram instruídos, utilizando a areia da praia como lousa para formar as letras no chão, com apenas alguns pauzinhos feitos pelos missionários e, como não tinham folha de papel, escreviam nas folhas da pacobeira. O ensino, neste aspeto, era bastante diferenciado do ministrado nas cidades onde os filhos dos moradores eram ensinados com cardapácio e tinta pelos jesuítas no Colégio de Nossa Senhora da Luz, em São Luiz no Maranhão e no Colégio de Santo Alexandre, em Belém do Grão-Pará.

Leite (1943) refere que os alunos, que frequentavam as escolas jesuítas no Maranhão e Grão-Pará, eram os filhos dos habitantes que moravam naquele local como era o caso dos filhos dos governadores, trabalhadores da câmara, fazendeiros e até religiosos de outras congregações que buscavam os ensinamentos da Corporação Jesuíta para formação de seus sacerdotes, como era o caso dos religiosos das Mercês.

Neste aspeto, no Maranhão e Grão-Pará, a instrução e a prática missionária jesuítica estiveram constantemente presentes na ampliação de povoamento e colonização de índios e moradores em que o objetivo era a concretização da fé; deste modo, demonstravam a sua união



entre a Igreja Católica e os jesuítas. Ainda assim, esta união era intimamente confirmada através do quarto voto, que significava obediência ao Papa, dado que a diferenciava das demais congregações.

Finalmente, observa-se que a instrução no Maranhão e Grão-Pará apresentava nomeadamente dois tipos de ensino e educação: a catequese e o ensino escolar, existindo a necessidade constante de envio de missionários destinados à Missão no Maranhão, que se destacava por ser, entre todas, a mais desafiadora Arenz (2010), devido ao fato de serem poucos os padres e as atividades apostólicas imensas que tinham de desempenhar bem como as funções de natureza variada: a administração, a pregação do evangelho, o batismo, a celebração de missa e o ensino nas aldeias e nos colégios, entre outras.

A limitação obter um maior aprofundamento da investigação nesta temática, sustentados num estudo mais rigoroso e avançado de Latim, permitirá certamente o desenvolvimento de futuros trabalhos de investigação ainda mais consolidados que, desta forma, poderão instigar novas abordagens, perspectivas e reflexões. Igualmente importante será o acompanhamento constante da publicação de novos estudos científicos sobre esta temática, o que poderá revelar-se promissor e conduzir a um conhecimento mais exaustivo neste campo de investigação científica.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luís de A. *“Aula de Esfera” do Colégio de Santo Antão no Século XVII*. Secção de Coimbra LXX. Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga: Junta de Investigações do Ultramar, 1972
- ARENZ, Karl, Heinz. Do Alzette ao Amazonas: vida e obra do padre João Felipe Bettendorff (1625-1698). *Revista Estudos Amazônicos*, v. n. 1, p. 25-78
- BARCELLAR, Carlos. Fontes Documentais. Uso e mau uso dos arquivos. *In: Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008
- BARNACLE, Robyn. Reflection on Lived Experience in Educational Research. *Educational Philosophy and Theory*, v. 36, n. 1, p. 57–67, 1 Jan. 2004
- BERRIO, Julio, Ruiz. El Metodo Historico En La Investigacion Historica de La Educacion. *Revista Española de Pedagogía*, v. 34, n. 134, p. 449-475, 14 Mar. 1976

- BETTENDORFF, João, Felipe. *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Tomo LXXII, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910
- CARVALHO, Rómulo de. *História do ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até o fim do Regimento de Salazar-Caetano*. (3ª ed). Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001
- CHARMOT, François. *La Pédagogie des Jésuites: ses principes, son actualité*. Paris: Aux Éditions. Spes, 1951
- COSTA, Célio, Juvenal. Fontes Jesuíticas e a Educação Brasileira. In: *Fontes e Métodos em História da Educação*. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal da Grande Dourados, 2010
- FERRAROTTI, Franco. *Sobre a Ciência da Incerteza – O Método Biográfico na Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Edição Pedagogo, 2013
- FRANZEN, Beatriz, Vasconcelos. Os Colégios jesuíticos no Brasil: Educação e civilização na Colônia (1549-1759). *Brotéria Cristianismo e Cultura*, v.155, n. 1, p. 69-90, Julho, 2002
- KOLVENBACH, Peter-Häns. *El Compromiso de la Compañía de Jesús en el Sector de la Educación*. Obtido de <http://eduignaciana.tripod.com/docum/compromiso.pdf>
- LEITÃO, Henrique. *O debate cosmológico na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão. Sphaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera*. Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas coleções da BNP. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008
- LEITÃO, Henrique. *Sphaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera*. Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas coleções da BNP. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943
- LEITE, Serafim. *Suma História da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de Portugal)*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965
- LOPES, José, Manuel. A Emulação e a Pedagogia da Companhia de Jesus. I. *Brotéria Cristianismo e Cultura*, v.179, n. 2/3, p. 155-173, Agosto-Setembro 2014
- LOWNEY, Chris. *El Liderazgo al Estilo de los Jesuitas*. Bogotá: Grupo editorial norma, 2004
- MANEN, Max Van. *Researching Lived Experience, Second Edition: Human Science for an Action Sensitive Pedagogy*. Routledge, 2016

- MANEN, Max Van. *Investigación educativa y experiencia vivida: ciencia humana para una pedagogía de la acción y la sensibilidad*. Editorial: S.A Idea Books, 2003
- MELO, Joaquim José Pereira de. Fontes e Métodos: Sua importância na Descoberta das Heranças Educacionais. In *Fontes e Métodos em História da Educação*. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal da Grande Dourados, 2010
- MIRANDA, Maria, Margarida, Lopes de. *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599] Regime Escolar e Curriculum de Estudos*. Lisboa: Esfera do Caos, 2009
- MONTEIRO, Miguel Correa. A Fundação de Colégios e o Esforço Missionário dos Jesuítas. *Colóquio Internacional 450 anos de Modernidade Educativa*. Évora: Universidade de Évora, 2009
- O'MALLEY, John W. and DUMINUCO, S.J. (ed.), Vincent J. How the first Jesuit became involved in education. *The Jesuit Ratio Studiorum. 400th. Anniversary perspectives*, 56-79, 2000. Loyola eCommons, Ignatian Pedagogy Bibliography, <http://ecommons.luc.edu/ignatianpedagogy/310>
- OSÓRIO, José Pereira. *Sobre a História e Desenvolvimento da Astronomia em Portugal. História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Volume I. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986
- PIERO, Iria, Aparecida, Storer, Di. (2008). *Ratio Studiorum Educação e Ciência nos séculos XVI e XVII: Matemática nos Colégios e na vida*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba
- PINSKY, Carla, Bassanezi et al. *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008
- RESENDE, Sebastião, Soares de. *Problemas do ensino missionário*. (2ª Série). *Igreja & Missão. Revista Missionária de Cultura e Atualidade*. Ano XIV. Portugal: Sociedade Portuguesa Missionária, 1962
- ROCHA, A. Os Colégios dos Jesuítas e a pedagogia da liberdade. *Brotéria Revista Contemporânea de Cultura*, v. 23, Agosto, 1936
- RODRIGUES, Francisco. *A Acção crescente da Província Portuguesa (1560-1615). História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo Segundo. Volume I. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1938
- RODRIGUES, Francisco. *A província portuguesa no Século XVII (1615-1700). História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo Terceiro. Volume I. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1944
- SANTOS, Fernandes. Empreendedorismo Educativo dos Jesuítas. *Revista Brotéria Cristianismo e Cultura*, v. 178, n. 2, p. 133 – 142, Fevereiro, 2014